



## UMA ANÁLISE DO SILÊNCIO NA ESCRITA COMO CONDIÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DO EU POÉTICO, A PARTIR DA POÉTICA DE ALEJANDRA PIZARNIK

Karine Bueno Costa

Universidade Estadual do Paraná

A questão motriz do presente projeto é aliar o ensino filosófico à arte poética, assim, pauta-se na análise filosófica da poesia de Alejandra Pizarnik, escritora argentina, dos anos 60. A ênfase ao objeto de estudo é com respaldo em dois aspectos filosóficos da escrita poética da autora: no silêncio da escrita e na construção do eu ficcional a partir do eu real, ou seja, do escritor em si. Assim, nosso ensejo é problematizar, de maneira filosófica, como o eu da escrita deixa de ser de quem escreve e passa a ser sempre outro, e, nessa travessia, como o silêncio entre as palavras é a condição para construção de dilemas do ser, como o de um grau zero da escrita, teorizado por Roland Barthes, em que leitor e escritor ficam pactuados nas margens textual, conectados pela arte e pelo pronome pessoal eu.

Na escrita poética de Alejandra Pizarnik, há essa tentativa de captar o silêncio entrecortado das palavras e, nesse sentido, a tentativa de desvelar-se. Em relação à problemática do silêncio, John Cage, em 1951, realizou um experimento com o intuito de atingir o silêncio absoluto. Para isso, o compositor isola-se em uma câmara anecoica de Harvard, em Cambridge, para evitar ouvir quaisquer ruídos. No entanto, Cage ouve dois sons de seu corpo, grave e agudo: do ritmo sanguíneo e de sistema nervoso, respectivamente. Desse modo, comprova a improbabilidade de se obter o silêncio absoluto. Em *Lecture on nothing*, Cage profana: “O que pedimos é silêncio, mas o que o silêncio nos pede é que continuemos falando”<sup>37</sup> (GAGE, 1959, p. 109). Nessa perspectiva, há uma impossibilidade, porém, entre a palavra/fala acontece o silêncio que diz sem dizer. E é neste ponto que a poética de Pizarnik torna-se um objeto de estudo, para analisarmos filosoficamente como o silêncio é determinante para a escrita, pois como afirmou Brecht, falar é uma forma de

<sup>37</sup> “What we require is/ silence;/ but what silence requires/ is that I go on talking (GAGE, 1959, 109).



encontrar silêncio por trás das palavras. Para Roland Barthes, em *A morte do autor* (2004, p.57), há uma destruição de toda voz na escritura, como uma morte para se autorrepresentar, como apontou, nessa morte metafórica, não haveria o silêncio puro? O silêncio como imanência do sujeito escritor? Esses questionamentos e desejo latente, de taciturnidade sonora e silenciosa, permeiam a obra poética de Alejandra Pizarnik, na tentativa de captar o silêncio puro, no não dito e permanecer, de algum modo, na sonoridade das palavras.

Nessa ótica, Giorgio Agamben, em *Profanações*, no texto “O autor como um gesto” (2007), teoriza que não ocorre uma amarração do sujeito na linguagem, mas a abertura de um espaço, no qual o sujeito que escreve não para de desaparecer. Assim, pretendemos analisar nos escritos poéticos de Pizarnik essa voz que ganha espaço, mas no reverso, o silêncio que auxilia na construção do dizer e na aniquilação do eu/autor, que se perpetua na folha em branco.

Para Castro, cada palavra poética é o núcleo de múltiplos sentidos e possibilidades de revelação: “diante da riqueza ofuscante e da ressonância sem limites da linguagem do silêncio, movem-se na fonte inaugural das imagens poéticas. Uma imagem é sempre um ditar sonoro-visual do silêncio” (2005, p. 18). Subjaz, nessa perspectiva, que a imagem poética permeia o silêncio, quando se trata da construção de uma voz subjetiva, há a autorrepresentação: “No es muda la muerte. Escucho el canto de los enlutados sellar las hendiduras del silencio. Escucho tu dulcísimo llanto florecer mi silencio gris”<sup>38</sup> (PIZARNIK, 2000, p.223). Ou ainda quando: “Algo caía en el silencio. Mi última palabra fue yo pero me refería al alba luminosa”<sup>39</sup> (PIZARNIK, 2000, p.243). Nossa tentativa é a de analisar como a escrita poética permite a representação, por meio de silêncio e imagens, e ponderar sobre o eu real no silêncio e como o silêncio é a única condição para a existência do eu escritural.

Não obstante, a partir das indagações a respeito do silêncio, pretende-se analisar o eu escritural, que silenciosamente permanece ausente e presente ao mesmo tempo, em um

---

<sup>38</sup> Não é muda a morte. Escuto o canto dos enlutados selar as fechaduras do silêncio. Escuto seu doce pranto florescer meu silêncio cinza (Pizarnik, 2000, p.223). Tradução minha.

<sup>39</sup> Algo caía no silêncio. Minha última palavra foi eu, porém me referia a alma luminosa (PIZARNIK, 2000, p. 243). Tradução minha.



dilema filosófico e literário. Portanto, perguntamo-nos, se possível representar-se nas palavras, atingir o eu do silêncio, quando se está pactuado com o pronome eu ou ao fazer essa tentativa a imagem que se constrói é de outro? Nesse viés, um estudioso de suma importância para análise das questões filosóficas que pretendemos analisar é o teórico francês Roland Barthes, com seu texto *A morte do autor*, para o qual, jamais saberemos quem é que escreve “pela simples razão que a escritura é a destruição de toda voz, de toda origem” (2004, 2004, p. 57). Outra obra que corrobora com a análise a que propomos é *Da obra ao texto*, na qual aponta que “escritor ao remeter-se à própria vida fará com que esta já não seja a origem das suas fábulas, mas uma fábula concorrente com a obra; há uma reversão da obra sobre a vida, e não mais o contrário” (BARTHES, 2004, p.60). Assim, temos o que ele denomina de “um eu de papel”, que parte de um silêncio para ser possível na escrita.

Para essa análise, selecionaremos poesias de obras como *La tierra más ajena*, 1955; *Un signo en tu sombra*, 1955; *Árbol de Diana*, 1962 e *Extracción de la piedra de locura*, 1968, de Alejandra Pizarnik, pois para a escritora, em poema intitulado “Silêncios”: “La muerte al lado./ Escucho su decir/ Sólo me oigo”<sup>40</sup>. (PIZARNIK, 2000, p.188). Assim, o eu só é possível nessa morte autoral, que diz e somente quem escreve consegue ouvir, em seu próprio silêncio escritural. Conforme Maurice Blanchot, em seu texto “A experiência de Proust”, incluso no em *O livro por vir*, diz que: “o livro é sem autor porque se escreve a partir do desaparecimento falante do autor. Ele precisa do escritor, na medida em que este é ausência e lugar da ausência” (BLANCHOT, 2005, p.335). Em sua visão, o autor está presente mesmo não estando realmente. Portanto, obter a imagem do próprio autor, desse eu no silêncio, é uma impossibilidade metafísica e, seguir nessa busca é perder-se num labirinto sem saída e sem o fio de Ariadne para guiarmo-nos, pois só é possível na quebra do silêncio, que é a linguagem.

Não obstante, o que Alejandra Pizarnik deseja é atingir esse silêncio perfeito e por isso escreve: “Aun si digo sol y luna y estrella/ me refiero a cosas que me suceden./ Y que deseaba yo?/ Deseaba un silencio perfecto./ Por ese hablo.”<sup>41</sup> Martin Heidegger, em conferência de

<sup>40</sup> “A morte sempre ao lado./ Ouço seu dizer/ Só me ouço”. p.188

<sup>41</sup> Ainda que eu diga sol e lua e estrela/ refiro-me a coisa que me sucedem. E o que eu desejava? Desejava um silêncio perfeito. Por isso falo”. Alejandra Pizarnik (tradução minha)



1936, intitulada “A origem da obra da arte”, faz questionamentos sobre a produção artística, que, para o filósofo, possui dois elementos: o artista da obra e a arte, a obra em si, como resultado diz que o que constitui a arte se designa como poesia. Outrossim, em *O ser e o tempo*, Heidegger apresenta a filosofia como a chave para o entendimento: “A filosofia é uma ontologia fenomenológica e universal que parte da hermenêutica da pre-sença, a qual, enquanto analítica da existência, amarra o fio de todo questionamento filosófico, no lugar onde ele brota e para onde ele retorna” (HEIDEGGER, 1995, p.69). Desse modo, partindo de uma analítica existencial, é possível perceber que há uma relação tênue entre a arte poética e a filosofia, para tentarmos compreender questões atemporais como a questão do silêncio e do eu.

### Referências

- AGAMBEN, G. *Profanações*. Trad. Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.
- CAGE, J. *Lecture on nothing*. Wesleyan University Press: 1959.
- CASTRO, M. A. A questão e os conceitos. In. *Caderno do Seminário Permanente de Estudos Literários / CaSePEL – Nº 4*. Dezembro, 2007. Rio de Janeiro: Publicações Dialogarts, 2007. 71 p. ISSN 1980 – 0045.
- BARTHES, R. A morte do autor. In \_\_\_\_\_. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BLANCHOT, M. *O Livro por vir*. Trad. Leila Perrone–Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- HEIDEGGER, M. A origem da obra de arte. In. *Caminhos de Florestas*. Trad. Irene Borges-Duarte e Filipa Pedroso. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O ser e o tempo*. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1995.
- PIZARNIK, A. *Poesia Completa*. Lumen: 2000.